



Tempo de Natal

O texto – Lc 2,1-21

1 Por aqueles dias,
2 saiu um édito da parte de CÉSAR AUGUSTO para ser recenseada toda a terra.
3 Este recenseamento foi o primeiro, sendo Quirino governador da Síria.
4 *Todos* iam registar-se, cada qual à sua própria cidade.
5 Também José, subiu da cidade de Nazaré, na Galileia,
6 para a Judeia, à CIDADE DE DAVID,
7 chamada BELÉM, por ser da casa e linhagem de DAVID,
8 a fim de se registar com Maria, sua esposa, que estava grávida.
9 E, enquanto eles ali se encontravam, **completaram-se os dias** do parto
10 e deu à luz o seu FILHO primogénito,

11 ENVOLVEU-O EM PANOS E DEITOU-O NUMA MANJEDOURA,
12 por não haver lugar para eles na hospedaria.

13 Naquela região havia pastores que vigiavam de *noite*
14 fazendo a guarda ao seu rebanho
15 O anjo do Senhor apareceu-lhes,
16 e a glória do Senhor envolveu-os em *luz*;
17 e foram tomados de *grande temor*.
18 O anjo disse-lhes: «*Não temais*,
19 pois anuncio-vos uma *grande alegria*, que será para *todo o povo*:
20 Hoje nasceu-vos um SALVADOR, que é o CRISTO SENHOR,
21 na CIDADE de DAVID
22 Isto vos servirá de *senal*:
23 **encontrareis** um MENINO ENVOLTO EM PANOS e DEITADO numa
24 MANJEDOURA».

25 De repente, juntou-se ao anjo uma multidão do exército celeste,
26 louvando a Deus e dizendo:
27 «Glória a Deus nas alturas
28 e paz na terra aos homens do seu agrado.»

29 Quando os anjos se afastaram deles em direcção ao Céu,
30 os pastores disseram uns aos outros:

«Vamos a BELÉM e vejamos este acontecimento que o Senhor nos deu a conhecer».

¹⁶ Foram apressadamente

e **encontraram** Maria, José

e o MENINO

DEITADO

na MANJEDOURA.

¹⁷ *Vendo-o, contaram o que lhes fora dito a respeito do menino.*

¹⁸ Todos os que ouviram se admiravam do que lhes diziam os pastores.

¹⁹ Quanto a Maria, conservava todas estas coisas, meditando-as no seu coração.

²⁰ E os pastores **voltaram**, glorificando e louvando a Deus por tudo *o que tinham visto e ouvido, conforme lhes tinha sido dito.*

²¹ Quando se **completaram os oito dias**, para a *circuncisão* do menino, foi *chamado* com o nome de JESUS, *chamado* pelo anjo antes de ter sido *concebido* no seio materno.

Breve comentário

O texto começa por situar o nascimento de Jesus numa história concreta e num espaço concreto, indicando que o Filho de Deus se insere na história universal. É no ambiente do império romano, ao tempo do «divino» César Augusto, com todo o seu poder sobre todos os homens, a ponto de ordenar um recenseamento geral, que para os judeus piedosos constitui uma afronta e uma blasfémia porque só Deus tem o conhecimento total (cf. revolta referida em Act 5,37), que o menino anunciado vai nascer.

Este facto político contribui para o cumprimento das velhas esperanças e promessas do Antigo Testamento: a cidade de Belém, o descendente de David. Porém, em contraste com o poder terreno e com as grandes vias da história humana, nasce um menino como qualquer outro menino, rodeado de ternura, mas, ao mesmo tempo, abandonado e só, quebrando os esquemas humanos de grandeza: é deposto numa manjedoura.

É nas trevas da noite que surge a luz inesperada da glória do Senhor. É aos pastores, símbolo de todos os pequenos, pecadores, desprezados, anónimos, os últimos, que é endereçada a mensagem: «Anuncio-vos», melhor: «Dou-vos a boa nova». É uma alegre notícia para todos os tempos: o «Hoje» da salvação, tão caro a Lucas, ressoou então, como continua a ressoar em todos os tempos. Foi ontem, como é «hoje».

«Nasceu-vos um Salvador, que é o Cristo Senhor, na cidade de David». Trata-se dum anúncio ao estilo do anúncio do nascimento dos «divinos» imperadores, interpretado como manifestação de Deus entre os homens.

O «salvador», título do imperador, atributo exclusivo de Yahweh, é agora dado a um menino que nasceu, e que já sabemos pela anunciação ser «grande, Filho do Altíssimo, santo, Filho de Deus». Ele é o Cristo, o Messias esperado pelo judaísmo, reconhecido como Senhor (= Deus), nascido na cidade de Belém. As esperanças do Antigo Testamento atingem um cume que é inesperado. O que aconteceu vai muito além das expectativas judaicas.

E surge o paradoxo fundamental do cristianismo: o sinal dado para o reconhecerem é um menino envolto em panos e *deitado* numa manjedoura. O Salvador é um recém-nascido; o Cristo das esperanças messiânicas está envolto em faixas; aquele que é proclamado com o título divino de Senhor encontra-se deitado; a cidade de David é substituída por uma manjedoura. Trata-se, efectivamente, dum sinal muito fraco que

só pode ser percebido por meio duma revelação. É um sinal que só o olhar interior da fé poderá discernir, tal como mais tarde será o sinal dum profeta morto e *deitado* (o mesmo verbo) num sepulcro.

Este acontecimento escondido e longe de tudo e de todos envolve céu e terra. É motivo para cantar um hino de glória a Deus.

Os pastores respondem como crentes: encontram o menino e aceitam-no como sinal de Deus; confiam na palavra do anjo e falam dela; glorificam a Deus.

O que se torna eloquente é o silêncio. Silêncio de José de quem Lucas não refere uma palavra em todo o evangelho. Silêncio de Maria, cujo canto de glória dá lugar à meditação. Silêncio do menino, Palavra eterna de Deus.

«Maria, conservava todas estas coisas, meditando-as no seu coração». Maria não entende tudo desde o início, mas observa, escuta, medita, reflecte e, depois da Páscoa irá entender tudo, irá ver claramente o sentido de tudo aquilo que aconteceu. É o processo de crescimento de todo o crente.

O texto encerra com o rito da circuncisão, como qualquer judeu, e a imposição do nome. Mas não é o pai quem escolhe e dá o nome, como fez Zacarias em relação a João. O nome foi escolhido por Deus, o Pai Altíssimo, na linha dos grandes protagonistas da História da Salvação a quem Deus confere o nome a indicar a função e o destino. Jesus, Yeshua, significa «Yahweh salva». Jesus, Filho de Deus, é o Salvador, mais: Ele é a Salvação, como logo a seguir Simeão irá reconhecer.

P. Franclim Pacheco
Diocese de Aveiro

Natal - Missa do dia

O texto – Jo 1,1-18

- 1 No princípio existia o **VERBO**;
o **VERBO** estava junto de DEUS;
e o **VERBO** era Deus.
- 2 **ELE** no princípio junto de Deus.
3 Tudo existiu por meio d' **ELE**;
e sem **ELE** nada existiu.
- 4 Tudo o que existiu n' **ELE** era VIDA
e a VIDA era a **L U Z** dos homens.
5 e a **L U Z** brilha nas trevas,
e as trevas não a apreenderam.
- 6 *Apareceu* um homem,
enviado de junto de DEUS;
o seu nome João.
- 7 Este vinha para o testemunho,
para dar testemunho da **L U Z**
e todos creem por meio dele.
- 8 Ele não era a **L U Z**,
mas veio para dar testemunho da **L U Z**.
- 9 Existia a **L U Z** verdadeira,
Que ilumina todo o homem,
vindo ao mundo.
- 10 Estava no mundo
e o mundo existiu por meio d' **ELE**,

- 11 e o mundo não *O* conheceu.
Veio para o que era *SEU*,
12 e os seus não *O* acolheu.
Mas, a quantos *O* acolheram,
deu a capacidade de se tornarem *filhos de DEUS*,
13 aos que crêem no *SEU* NOME.
os quais não do sangue,
nem da vontade da carne,
nem da vontade de um homem,
mas por *DEUS foram gerados*.
- 14 E o *VERBO* fez-se carne
e montou a sua tenda no meio de nós.
E nós contemplámos a *SUA* glória,
glória como *UNIGÉNITO* junto do PAI,
CHEIO DA GRAÇA DA VERDADE.
- 15 João dá testemunho acerca d' *ELE* e clama, dizendo:
«*Este era aquele de quem eu disse:*
'O que vem depois de mim está à minha frente,
porque existia antes de mim'».
- 16 Porque da sua plenitude todos nós recebemos,
17 *GRAÇA* por *GRAÇA*.
Porque a Lei foi dada através de Moisés,
18 mas a *GRAÇA* e a VERDADE vieram-nos através de *JESUS CRISTO*.
A *DEUS* jamais alguém o viu.
O UNIGÉNITO DEUS, que está no seio do PAI,
só *ELE* o deu a conhecer.

Breve comentário

O evangelho de S. João representa um estágio muito profundo de interpretação do acontecimento Jesus. O prólogo, ou introdução que se lê na missa do Dia de Natal descreve, de forma poética e concentrada a obra de Jesus-Verbo e pessoa divina no amplo horizonte bíblico do plano de salvação que Deus traçou para o homem.

S. João coloca o Verbo em Deus, apresentando a sua preexistência eterna, a intimidade de vida com o Pai e a sua natureza divina. O termo «Verbo» tem como fundo a literatura sapiencial e o tema bíblico da Palavra de Deus no Antigo Testamento, onde quer a Sabedoria quer a Palavra são apresentadas como «pessoa ligada a Deus e enviada por Deus ao mundo a fim de o orientar para a vida. O Verbo é força que cria, revelação que ilumina, pessoa que comunica a vida de Deus.

O Verbo não só está junto do Pai mas dirigido para o Pai em atitude de escuta e de obediência. S. João afirma com clareza, desde as primeiras palavras do seu evangelho que no Deus Único existe uma pluralidade de pessoas.

Para o homem da Bíblia «a Palavra» é a expressão mais profunda e íntima duma pessoa e o próprio Deus não seria Deus se não comunicasse a sua Palavra do fundo do seu Ser. O Verbo é gerado eternamente do profundo do seio do Deus-Amor; ele é o rosto do Pai, é a igualdade na diversidade das duas pessoas que se amam e comunicam entre si. Com estes primeiros versículos S. João introduz-nos no mistério da revelação eterna de Cristo.

Depois dos dois primeiros versículos introdutórios, o texto apresenta-nos o papel do Verbo na criação do universo e na história da salvação: «Tudo existiu por meio d'Ele; e sem Ele nada existiu» (v. 3). O Verbo impele as coisas para a existência e para a salvação enquanto participam na comunhão de vida com Ele. Toda a história lhe pertence. Todas as coisas são obra do Filho de Deus, Jesus de Nazaré.

Todo o homem é feito para a luz e é chamado a ser iluminado pelo Verbo com e luz eterna de Deus que é a própria vida do Pai dada ao Filho. A luz de Cristo brilha em todo o homem que vem ao mundo e as trevas lutam para a eliminar. Todavia, o ambiente do mal, que se opõe à luz de Deus e à palavra de Jesus-Verbo, não consegue ter a vantagem e vencer.

A luz vinda ao mundo é precedida por uma testemunha, João Baptista, que tem a missão de falar a favor da luz. Este homem, enviado por Deus, tem a tarefa bem definida no plano da salvação, e o seu próprio nome «João» o revela: anunciar que «Deus concede graça» a toda a humanidade.

O papel de João Baptista é único: «veio como testemunha, para dar testemunho da luz, e todos crerem por meio dele» (v. 7). João é a testemunha de Jesus que recebe o testemunho que o Pai dá ao Filho no Baptismo e que vê o Espírito descer e permanecer sobre Jesus (Jo 1,32-34). Ele é aquele que conduz o homem à fé em Jesus-Luz.

Jesus é a luz autêntica e perfeita que apaga as aspirações humanas; a única que dá sentido a todas as outras luzes que aparecem na cena do mundo. Esta luz divina ilumina cada homem que nasce neste mundo. É a luz que se oferece no íntimo de todo o ser como presença, estímulo e salvação. Jesus-Verbo, presente entre os homens com a sua vinda, está próximo de cada homem. Embora estivesse já no mundo como criador e como centro da história, o «mundo não o conheceu» (v. 10), isto é, os homens não acreditaram no Verbo incarnado e na sua missão de salvador.

À recusa do mundo, S. João acrescenta uma outra, ainda mais grave: «Veio para o que era seu e os seus não o acolheram» (v.11). Por outras palavras: a Palavra do Senhor veio ao povo hebreu, mas Israel rejeitou-a. Está presente aqui o longo caminho da humanidade que, apesar do projecto de amor e de vida querido por Deus, perdeu com o pecado a orientação de todo o seu ser e não reconheceu o plano amoroso e salvífico de Deus.

Se o comportamento da humanidade, e em particular o de Israel, foi de nítida rejeição de Jesus-Verbo, um grupo de pessoas, um «resto de Israel», acolheu-o e deu uma resposta positiva à sua mensagem, estabelecendo uma nova relação com Deus: «a quantos O acolheram, deu a capacidade de se tornarem filhos de Deus» (v.12). Só aqueles que acolhem o Verbo e crêem na sua pessoa divina se tornam filhos de Deus porque nasceram de Deus e não de elementos humanos.

Este dom da filiação divina acolhe-se crendo em Cristo e aprofundando a nossa vida de fé nele. Acolher o Verbo significa «crer no nome» de Jesus, ou seja, aderir plenamente à sua pessoa, empenhar a vida ao seu serviço.

O v. 14 é como que a síntese de todo o hino: afirma-se solenemente a encarnação do Filho de Deus. O Evangelho afirma que «o Verbo se fez carne», isto é, que a Palavra se fez homem, na sua fragilidade e impotência, como qualquer criatura, nascendo duma mulher, Maria. É este o anúncio que é necessário crer para se ser salvo: «Todo o espírito que reconhece Jesus Cristo vindo na carne, é de Deus; todo o espírito que não reconhece Jesus, não é de Deus (1Jo 4,2-3).

A expressão «e montou a sua tenda no meio de nós» sublinha o objectivo da encarnação: Deus mora com o seu povo de forma estável e para sempre (cf. Ap 7,15). A sua presença está na vida do homem e na carne visível de Jesus (cf. Jo 2,19-22).

Os discípulos contemplaram na fé o mistério de Jesus-Verbo, isto é, a glória que Ele possui como Unigénito vindo de junto do Pai (v.14). Jesus é a revelação de Deus, mas de modo escondido e humilde. No evangelho de João, a glória do Senhor é algo de interior que só o homem de fé pode compreender. A «glória» de Cristo é a verdade do seu mistério: a revelação no homem-Jesus do Filho de Deus vindo de junto do Pai.

A «graça da verdade» (v.14), na linguagem bíblica, é o dom da revelação que Deus ofereceu ao homem. A verdade, em S. João, indica a revelação plena e perfeita da vida divina. O Verbo encarnado está «cheio da verdade», ou seja, é toda a revelação.

Jesus é «a verdade» (Jo 14,6), ou seja, a revelação definitiva e total. E esta verdade é a «graça» do Pai, o dom supremo que o Pai nos fez.

Toda a vida de Jesus é manifestação de Deus, mas para o evangelista o momento central em que se manifesta a glória de Deus em toda a sua potência é a cruz: o elevar de Jesus é a sua glorificação. Pode parecer paradoxal dizer que a cruz é a glorificação, mas tudo se torna claro se pensarmos que Deus é amor (1Jo 4,8) e a sua manifestação está, portanto, onde aparece o Amor. É sobre a cruz que o amor de Deus brilha em toda a sua penetrante luz e plenitude.

Os crentes são aqueles que receberam «da plenitude» (v. 16) de Jesus-Verbo o dom da revelação que substitui a da lei antiga. Todo o crente pode aceder a esta fonte de vida e ser participante do dom da verdade que está em Jesus. A vida de Filho de Deus entra no meio mediante a fé. Na verdade, o Filho de Deus, de facto, fez homem para tornar todos os homens participantes da sua realidade de Filho e os introduzir na vida de Deus.

«Da sua plenitude todos nós recebemos uma graça em lugar doutra graça» (v. 16). Quais são as duas graças de que se fala? O v. 17 ajuda-nos a compreender o seu sentido. As duas graças são a lei de Moisés e a de Cristo. Para João, a história da salvação abarca dois momentos fundamentais: o dom da lei na revelação provisória do Sinai e «a graça da verdade» na revelação definitiva de Jesus. As duas etapas da revelação estão em contraste entre si: Moisés é o revelador imperfeito da lei e o mediador humano entre Deus e Israel; ao contrário, Jesus é o Revelador perfeito e definitivo da Palavra e o Mediador humano-divino entre o Pai e a humanidade.

Por fim, o versículo final do prólogo oferece uma explicação ulterior do porquê Jesus é o cumprimento da lei de Moisés; porque Deus se revela em Jesus. Só o Filho unigénito pôde revelar o Pai, porque ninguém jamais viu a deus a não ser o Filho unigénito que no-lo revelou (v. 18).

O «seio» do Pai, na linguagem bíblica, é a imagem típica do amor e da intimidade: toda a vida de Jesus desenrolou como vida filial, numa atitude de escuta e de obediência ao Pai, numa relação de amor com o Pai e como manifestação do Pai.

P. Franclim Pacheco
Diocese de Aveiro